

E noticiou a imprensa local: "No dia 8, antes da missa foi executada a grande oratória, música do maestro Elias Lobo e letra do dr. Antônio da Costa Carvalho, produzindo essa composição o mais agradável efeito, pois tomaram parte, além da exma. snra. d. Adelaide Lopes, a exma. snra. d. Cândida de Queirós Teles, e muitas outras senhoras e vários cavalheiros, divididos em grupos, o que fez com que se destacassem magnificamente os solos cantados pelas mensio- nadas senhoras". "A missa oitava do maestro E. Lobo, já por vezes executada nesta cidade, foi a escolhida para esse dia, completando assim com muito realce a parte da festa. O solo ao pregador, sendo este o sr. Abade de São Bento, cantou-o a exma. snra. d. Esméria Lobo, cuja voz de um timbre muitíssimo agradável é sempre apreciada". (34).

DA Itália chegou um mimo para o Maestro, como publicou o jornal "Gazeta de Campinas": "O Maestro Elias Lobo acaba de receber da Itália uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma suave melodia simples e de muito efeito. Carlos Gomes dedicou essa composição á exma. sra. d. Ana Esmeria Lobo, filha da ^{que} ~~que~~ leu amigo" ~~(35)~~

* E noticiada a Imprensa local: "No dia 8, antes da missa foi executada a grande oratória, música do Maestro Elias Lobo e letra do dr. Antônio da Costa Carvalho, produzindo essa composição o mais agradável efeito, pois tomaram parte, além da exma. snra. d. Adelaíse Lopes, a exma. snra. d. Cândida de Queiros Teles, e muitas outras senhoras e vários cavalheiros, divididos em grupos, o que fez com que se destacassem magnificamente os solos cantados pelas mencionadas senhoras". "A missa oitava do Maestro E. Lobo, já por vezes executada nesta cidade, foi a escolhida para esse dia, completando assim com muito realce a parte da festa. O solo ao pregador, sendo este o sr. Abade de São Bento, cantou-o a exma. snra. d. Esméria Lobo, cuja voz de um timbre muitíssimo agradável é sempre apreciada (34)

Da Itália chegou um mimo para o Maestro, como publicou o jornal "A Gazeta de Campinas": "O Maestro Elias Lobo acaba de receber da Itália uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma suave melodia simples e de muito efeito. Carlos Gomes dedicou essa composição à exma. sra. d. Ana Esméria Lobo, filha daquele seu amigo (35).

Neste mesmo mês de dezembro, passadas as festas do dia oito, a bondosa esposa do Maestro, depois de ingentes sofrimentos, faleceu no dia 26. Foi sepultada no cemitério da Saudade, onde dois netos a seguiram no sono da eternidade. A "Gazeta de Campinas" números de 27 e 28 de dezembro, noticiou: "Falecimento. Após longos e dolorosos sofrimentos, faleceu ontem nesta cidade a sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, virtuosíssima esposa do maestro Elias Lobo. Esposa e mãe extremosa, era a digna senhora geralmente estimada e gosava do mais sincero respeito de todas as pessoas que a conheciam e cultivavam sua amizade". "Enterro. Deu-se ontem o saimento do cadáver da sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, esposa do maestro Elias Lobo. Na matriz da Conceição foi feita a encomendação acompanhada pela orquestra Sant'Ana Gomes, sendo o féretro seguido até o cemitério por crescido número de pessoas".

Seis meses após, em junho de 1884, patenteou-se de novo o valor do Maestro com a distinção que lhe concedeu o Clube Internacional de São Paulo, na época um dos mais prestigiosos organismos da vida social e cultural do Estado:

"Ilmº Snr.

A Diretoria do Clube Internacional, usando das disposições do art. 4º § 3º dos Estatutos que nos regem, pois que reconhecem em V. Sª. o verdadeiro mérito artístico, deliberou em sessão de 6 do corrente, convidá-lo a aceitar o Diploma de Sócio Honorário deste Club.

Esperando que se digne aceitar este convite, junto o respectivo Diploma, e pomos a seu dispor os salões do Club, que nos obsequiará freqüentando-os.

Deus Guarde a V. Sª.

Ilmº Snr. Maestro Elias Álvares Lobo - Campinas".

De (a) Eduardo Prates - 1º secretário. É este ofício honroso subscrito de próprio punho, em belíssima letra, é este ofício honroso subscrito pelo futuro e benemérito Conde de Prates, figura de tanto relevo na vida de São Paulo; vem datado de 11 de junho de 1884. Está na coleção do autor.

Completava o Maestro cinquenta anos a 9 de agosto de 1884; neste mesmo dia casou-se com a jovem Isabel de Arruda, filha de conhecidos seus. De sua correspondência se destaca a carta de Dom Joaquim José Vieira, fundador da Santa Casa de Campinas e Bispo do Ceará:

"Fortaleza, 4 de novembro de 1884. Primo Elias.

O longo espaço de tempo interposto à recepção de sua carta e esta resposta talvez lhe tenha causado estranheza. Mas, sabendo o meu Primo que eu me achava ausente desta capital desde o dia 14 de junho até 20 de Setembro, modificará qualquer juízo desfavorável aos meus sentimentos de amizade para com a sua pessoa e Família.

Recebi a sua carta no Sertão, quando me achava em laborio-
sa visita episcopal; li-a com toda atenção e interesse de quem
se lembra dos parentes e amigos.

Não estranhei o seu procedimento, casando-se 2ª. vez, é um
o caminho que segue o comum dos homens: ou se entregam às orgias,
ou casam-se, o seu não podia escapar a um costume geral; feliz-
mente, porém, escolheu o melhor casando-se.

A Família naturalmente se dispersará, porque é muito difí-
cil haver perfeita harmonia entre madrasta e enteados já cresci-
dos como são os seus filhos; entretanto a prudência de sua parte
muito concorrerá para o império da paz; a mim incumbe-me o dever
de agradecer-lhe a comunicação, e pedir a Deus abençoar o seu no-
vo consórcio, prosperando os seus dias na sua santa graça.

Recebi também uma cartinha do Paulo (36), dando-me notí-
cias da Família; não tenho apreciado o prolongamento da enfermi-
dade de Ana Esméria ~~que~~, quer me parecer que a saúde dela ~~depende~~
dependerá também do casamento, não sei se me engano muito.

Escrevi, antes de partir para a minha visita, ao meu Tio An-
tônio Álvares, ~~mas~~ não sei se ele recebeu minha carta, pois
não acusou seu recebimento.

Finalmente vou concluir, pedindo-lhe me recomende a todos
de sua Família, à sua nova consorte, e a todos os nossos paren-
tes de Campinas e Itu.

Aceite um abraço saudoso do Seu Primo e Amigo

(a) Joaquim, Bispo do Ceará

P. S. Quando fizer suas orações ao Sagrado Coração de Jesus e as
preces de Maria Santíssima, lembre-se do seu Primo e Amigo." (37)

Não se cumpriu a previsão do Bispo; a madrasta, pela
sua bondade e paciência, não permitiu as desavenças e se tornou esti-
mada por todos. Seu marido, sempre professor e tendo também como pro-
fessora de música a sua filha Ana Esméria, deixou Campinas pela capi-
tal; filhos homens, do primeiro casamento, se haviam fixado em Campi-
nas, cidade que o Maestro continuou freqüentando como fez no dizer
do correspondente jornalista: "Há pouco tempo, por ocasião da festa
de Nossa Senhora da Boa Morte, na respetiva capela foi executada uma
das suas músicas, fazendo parte do coro diversas exmas. senhoras e
assumindo a regência da orquestra o saudoso maestro. Assim parece que
se despedia ele para sempre daquele templo onde - católico fervoroso -
encontrava no santo nome da padroeira, o bálsamo consolador para os
sofrimentos deste mundo" (38).

em Campinas

Já com os filhos Maria do Carmo, nascida e batizada com 16 dias, a 16 de junho de 1885, e Leão, nascido a 27/10 e batizado a 6 de dezembro de 1886, em Campinas, passou o Maestro a residir em São Paulo, a rua Vitória de onde se transferiu para a casa situada à direita da igreja de Santa Cecília, esquina da rua Dr. Abranches. Em São Paulo foi professor de música do Grupo Escolar Sul da Sé e da Escola Modelo Maria José, continuando sua vida no ensino desta arte.

Em 1890, estava o seu filho Paulo na Faculdade de Direito e, em 1893, era voluntário das forças que combatiam a revolta da armada. Ainda em 90, teve o Maestro abalada a sua saúde; em carta de 2 de outubro, dizia a sua filha Ana Esméria ao irmão José, residente em Campinas, onde advogava, assim como o outro irmão, Antônio: "papai tem passado bem incomodado estes dias, e na segunda-feira nos assustou muito com o abatimento em que ele ficou".

Em 8 do mesmo mês, o próprio Maestro dirigia carta ao mesmo filho para informar:

"Eu não passo bem; tive há dois dias uma repetição do desfalecimento que, vos escrevi, tenho sofrido; o Dr. Tibiriçá disse-me que são vertigens do estômago pela debilidade em que me acho, e que pode ser causada pela grande interrupção do iodureto. Que eu tenho pouco sangue e que devo fazer uso do vinho no almoço e jantar, não usando há um ano pela proibição que me fez o Dr. Eduardo, a 4 de outubro do próximo passado ano" (39)

A vida do Maestro em São Paulo, foi ativa na sua arte e nas suas relações sociais, com o elevado conceito de que sempre gozou, e estimado como era pelos seus alunos e amigos, estes numerosos nos meios da recente República e aumentados com as suas convicções republicanas e com as dos filhos, dois dos quais já advogados em Campinas e partícipes ativos da propaganda. Alcançar notoriedade e vasto círculo de amigos, sem sair da modéstia de seus bens materiais, significa a amplitude de qualidades morais.

Uma talentosa memorialista, aluna do Maestro, registrou recordação do tempo em que ele lecionava na capital, ou melhor, na Escola Modelo Maria José. ~~o único, xxxxxxx xxxxxx, cargo oficial de professor que xxxxxx~~ Relata a paulistana Laura de Oliveira Rodrigo Otávio, tratando da escola que frequentou, a Maria José: "era no Bexiga, bairro distante, povoado por italianos, separado da Vila Buarque pela várzea por onde passa hoje a Avenida 9 de Julho". Ali se cantavam "lindas músicas de autoria do Maestro Elias Lobo" (40).

Figura 4

52 annos tem	1899 ³	dias de 9 de Agosto	
de 1849 a 8 de Agosto de 1901.	(5 annos 1826)		20819
	57 annos		20819
20 annos de tercios			7305
12 " "			4383
			<hr/>
Atte 31 de 1abr ^o de 1899			11688
Em 1900			5026
			<hr/>
Atte 31 de 1abr ^o de 1900			16714
1901 Atte. 30 de Junho			3493
Mais 3 annos 1895 com mais 2 annos 1826			20207
Julho 695 - Agosto atte 8-109			1399
67 annos 24471			20819
			<hr/>
			20862

Vertical notes on the right side of the table:
 5 annos e 89^o
 27^o
 5 annos e 89^o
 tercios.
 43 de annos de

Contagem dos tercios que
 tinham de ser resados.

Outro documento, este de sua vida metódica, em nosso poder, é uma pequena caderneta de anotações de suas despesas, indicativa dos cuidados no equilíbrio de sua vida, nem sempre habitual em artistas. De tais assentamentos, de 1890 aos primeiros meses de 1901 (ele faleceu a 15/12/1901), mês por mês, transcrevemos o ~~xxx~~ de janeiro de 1891, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ o bastante para conhecimento de uma vida modesta e proba, nos últimos ~~anos~~ do século dezanove:

	Despesas
"Janeiro de 1891	
1 Lavadeira 5\$ e desp. 11\$200 (verduras)	16\$200
2 Lenha 14\$ desp. 2\$ loteria 2\$ Botinas para Aninha	18\$000 10\$000
3 Aluguel da casa	100\$000
4 Criada 24\$ carroto de Bragança 2\$	26\$000
5 Lavadeira Leite durante o mês e desp.	17\$000 16\$000
6 Carniceiro (por conta)	50\$000
7 a 16 Para as despesas	12\$000
17 Café e açúcar (Moka)	31\$000
Farmácia de Fé	31\$000
Lenha 14\$ desp. 500	14\$500
Água	7\$500
22 Lavadeira 7\$ desp. 1\$500	8\$500
23 Ao freguês do açúcar Linha e agulhas	22\$000 2\$400
24 Carniceiro - por saldo	65\$000
26 Desp. 5\$ Água ardente 2\$	7\$000
29 Farmácia Normal	81\$600
Calçado para Margarida e Joaquim e babadores (sic)	19\$500
Carro e loteria	9\$000
31 Presente para Alice e Isabel	30\$800
Aluguel de casa deste mês	100\$000
Bond neste mês	<u>7\$800</u>
	703\$200

Receita	759\$000
Despesa	<u>703\$200</u>
Saldo	55\$800 "

Não encontramos composições do Maestro depois de sua fixação em São Paulo. É possível que se tenha só dedicado ao ensino e, devoto como era, a distribuir as benemerências de seu coração. Tornou-se organista da Igreja de Santa Cecília, da qual foi sempre paroquiano, desde sua criação em 1895, até sua morte. Depois de residir ao lado de sua igreja paroquial, ^{no mesmo ano de 1895} mudou-se, ainda em território da mesma paróquia, para a rua Barão de Tatuí, à esquerda de quem sobe a rua, em casa maior e de vasto quintal, que lhe alugara a Senhora Maria Angélica de Queirós Barros, também paroquiana, e protetora da mesma paróquia.

A sincera religiosidade do Maestro teve de um sacerdote afirmativa de subido valor para apreciarmos sua personalidade: espalhava "em torno de si, amor e luz como faróis". A certa altura da vida, adotou, como piedosa devoção, rezar tantos terços do rosário quantos dias estava tendo de vida. Da contagem destes terços, uma anotação sua chegou a nossos dias, documentando sua piedade mariana ~~_____~~ (figura 4) ~~_____~~

Pela contagem, deveria ter ele iniciado a oração de seus terços, relativamente a seu passado, a começar de seus quinze anos de idade, 9 de agosto de 1849; porém, pela continuidade dos apontamentos, vê-se que estendeu sua oração para a plenitude de seus dias de vida. Anotou também quando, rezando pelo tempo passado, faltava-lhe rezar ainda por "6 anos", e mais "dezenove terços". Mas o curioso é que tomou por base para apurar quantos terços deveria rezar, terminando seus cálculos quando completasse 67 anos; e foi com esta idade e mais quatro meses de vida, que faleceu. Saberíamos ele com que idade morreria?

Pode-se concluir que ele tenha rezado tantos terços quantos dias teve de vida, ou sejam 24.582 terços, número que está registrado, por aproximação, em suas próprias notas.

Da intervenção sobrenatural na prática de sua caridade, Afonso Schmidt escreveu uma crônica comovente:

" O maestro Elias Lobo - contou-me um seu sobrinho - ali pelas tantas da tarde, costumava recolher-se ao quarto, fechava-se por dentro e, durante horas, esbragava humildemente as contas do terço. A família, conhecedora de seus hábitos, não o importunava. Mas as criadas, principalmente as recém-entradas para o serviço da casa, não se conformavam com aquilo.

Uma delas, passando certa vez pelo corredor, diante da porta do quarto do maestro, ouviu lá dentro um vivo diálogo. Sentia-se espicaçada pela curiosidade, empurrou a porta, que dessa vez estava apenas cerrada, e entrou. Mas quase caiu de pasmo. Viu o patrão deitado na cama, as mãos cruzadas no peito, a falar sozinho. A lâmpada, que brilhava dia e noite aos

pés de São José, flutuava no espaço. Tinha saído do oratório e, serenamente, pairava no ar como se invisível mão a sustivesse no passeio. Com a aparição da intrusa, a chamazinha voltou ao nicho e o músico se levantou do leito, para dizer, sem vislumbres de censura:

- Nunca mais faça isso. Quando eu estiver conversando com os meus mortos, ninguém deve entrar neste quarto.

Que fazia todas as tardes o notável compositor nas suas conversas com aqueles a quem chamava de seus mortos? Caridade. Sim, caridade. A verdade era que, quando ele deixava o quarto, ia depressa levar o dinheiro e mantimentos a criaturas desamparadas que moravam nos pontos mais distantes da cidade.

Certa vez, por achar-se doente, não quis levar a cabo sozinho uma dessas missões. Por isso, chamou o filho, um rapaz de quinze anos, apanhou o de que precisava e saíram juntos. Andaram cerca de meia hora e chegaram ao centro. Na rua das Flores, esquina de Santa Teresa, os dois encontraram o simpático Padre Chico (41), que ali estava postado à espera de alguém ou de alguma cousa. Eram amigos. No São Paulo daquele tempo, todos conheciam o velho padre e o velho músico.

Vendo-o chegar, seguido pelo rapaz, Padre Chico perguntou-lhe:

-Você também recebeu o aviso?

-Também.

-Pois a casa é aquela...

Depois dessas palavras, o padre, o músico e o rapaz dirigiram-se a um casebre na rua das Flores. A porta e a única janela estavam fechadas. Bateram. Lá dentro nada, nem sinal de vida. Bateram novamente, com mais força e dessa vez tiveram como resposta um gemido. Forçaram a tramela e entraram.

O interior estava escuro e frio. No catre, abandonada, sem forças para erguer-se, para pedir auxílio à vizinhança, uma velhinha paralítica morria à míngua. Vendo-os arregalou os olhos e ajuntou as mãos numa prece.

- Quem lhes contou que eu estava aqui abandonada?

Os dois velhos entreolharam-se e sorriram.

A doente continuou:

- Ha três dias estou aqui morrê-morrendo, sem poder chamar ninguém. Sua visita só pode ser milagre, um milagre do céu..." (42) 42

Conta o cronista Francisco Mariano da Costa Sobrinho, o que já se conhecia pelo dizer dos filhos, que o Maestro havia pedido a São José, uma casa de morada para sua segunda esposa e suas filhas, depois de sua morte. Enfermo, recebeu a visita de Dona Maria Angélica de Barros, com quem mantinha estreita amizade e de quem era inquilino. Nesta visita, Dona Maria Angélica entregou-lhe a escritura de doação da casa em que residia o Maestro, doação que fazia para a esposa e filhas do Maestro. Ao agradecer, relatou Elias Lobo que se prepararia para a morte, pois havia pedido a São José, há mais de quinze anos, que só o deixasse morrer quando a esposa e as filhas dispusessem de casa para morar. E foi atendido [redacted] (43)

O Maestro faleceu em São Paulo a 15 de dezembro de 1901, pelas 12 horas e 20 minutos, tendo grande acompanhamento o seu funeral, e numerosas manifestações de pesar pela imprensa do país, em jornais como o Diário Popular, o Correio Paulistano, o Comércio de São Paulo, o Estado de São Paulo, Novidades - da capital do Estado. O Jornal do Comércio, A Notícia - do Rio de Janeiro. O Diário de Santos, o Diário de Minas, o Jornal de Piracicaba, A Comarca de Moji-Mirim, o Diário de Rio Claro, o Comércio de Amparo, a Cidade de Amparo, a Cidade de Itu, a Cidade de Bragança, o Botucatuense, o Correio Católico de Uberaba, a Gazeta de Ouro Fino.

Pelo centenário de nascimento do Maestro, a Corporação Musical União dos Artistas, de Itu, programou e executou atos de homenagens para o dia 9 de agosto de 1934, homenagens oficializadas pelos poderes públicos. Além destes atos, entre os quais constava a inauguração de placa de rua com o nome do Maestro, foi impressa uma poliantéia, na qual colaboradores discorreram sobre ele e características de sua privilegiada personalidade. A capital do Estado e Campinas também o homenagearam com o seu nome em ruas da cidade.

1621
128

Uma página de jornal...
na...
...

Oliveira

Em 1875, quinze anos depois do fato, Paulo Egídio de Carvalho escreveu ~~o artigo da Imprensa~~, sobre as primeiras encenações de "A Noite de São João":

"Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Apenas na idade de quinze anos, e quando já começavam a assomar os primeiros pruridos do seu bonito talento, Elias viu-se só e desamparado no teatro do mundo, sem uma mão amiga que lhe dirigisse os passos inexperientes, que lhe franqueasse os meios de seguir a carreira literária, que reclamavam suas opulentas faculdades artísticas. Nascera, porém, artista; nada pôde sufocar-lhe a bonita vocação que já se expandia em fúlgidos clarões."

"De fato, em 1850 começou a fantasiar na rabeça algumas contradanças bem apreciadas, e logo em seguida escreveu muitas quadrilhas, valsas, schottishs, várias músicas para banda, marchas e dobrados, e algumas para igreja, ladainhas, Tantum-ergo e muitas outras. A 1º de setembro de 1856 desposou a D. Elisa Eufrosina da Costa, filha do cirurgião Francisco Mariano da Costa; e nesse mesmo ano compôs a sua primeira missa."

"O apreço que mereceu esta sua primeira composição sacra incitou-o a novos cometimentos neste gênero: escreveu mais quatro, sendo a última a grande missa de São Pedro de Alcântara, dedicada ao sr. D. Pedro II, e geralmente estimada como o seu mais belo primor no gênero. Data ela de 1858."

"Em dezembro deste ano proporcionou o acaso um novo gênero para Elias, o gênero lírico. Encontrando-se nesta capital com o nosso estimável patricio, o sr. dr. Clemente Falcão de Sousa Filho, deu-lhe este notícia do libreto do nosso insigne escritor, o sr. conselheiro José de Alencar, denominado "A Noite de São João", publicado no "Diário do Rio de Janeiro". Apenas o leu, no intervalo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notável ópera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em família."

"A instâncias de amigos seus que o aconselharam a orquestrá-la, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à corte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira (48), Macedo Soares (45), ~~Bitencourt~~ Bitencourt Sampaio (90), Azarias (47) e outros, plêia de brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da

Academia de São Paulo."

Começaram então seus triunfos artísticos: os jornais desta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distinto maestro paulista."

"Em julho de 1860 voltou Elias à corte com sua ópera orquestrada e tratou de representá-la, tendo recebido de D. Pedro II o mais benévolo acolhimento. A companhia da Ópera Nacional, então extinta, reorganizou-se ao aparecimento de "A Noite de São João". Foi dada a regência daquela ópera ao seu illustre irmão de arte, Antônio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez à cena. Seis vezes seguida e representada, "A Noite de São João" atraiu em todas elas a mais luzida concorrência e arrancou para seu autor as mais ardentes ovações."

~~88~~ 88.

Em 1890, escreveu Oscar Guanabario pelas colunas de "O País":

"Trinta anos completam-se hoje que, pela primeira vez, foi representada no Teatro São Pedro de Alcântara (antigo Provisório) pela companhia da ópera nacional, da qual era empresário D. José Amate, "A Noite de São João" de Elias Lobo. Foi esta a primeira ópera brasileira, escrita sobre costumes nacionais e música análoga, sendo o libreto do conselheiro José de Alencar.

Em 1861 Elias Lobo escreveu a Louca, libreto do dr. Aquiles Varejão, que tinha de ser representada por ocasião da inauguração da estátua de D. Pedro I, sendo transferida para outra época, até que quando tinha ele de, por conta do governo, ir à Europa estudar, contando para o mesmo fim com o resultado do seu benefício com a Louca", o que não obteve como relataremos adiante.

E continuou Guanabario: "assim é que começou a terceira partitura, cujas notas eram bordadas sobre versos de Carlos Ferreira, mas não terminou o trabalho iniciado em 1875, sob o título -Sacrifício de Amor-. Um fragmento dessa ópera, de uma delicadeza real, acha-se incorporado na 12^a das missas que escreveu.

Em 1886 Afonso Celso Júnior prometeu-lhe um libreto, de assunto nacional, que infelizmente não foi levado a termo, que nos conste.

Mas, não se pense que Elias Lobo, forçado pela necessidade, coagido à luta pela vida, desprezasse a inspiração nativa, nas poucas horas de lazer.

Além das duas grandes oratórias, a do Carmo representada em Itu em 1864, e a do Natal, exibida em Campinas em 1883 por

ocasião de se inaugurar a Matriz Nova, o maestro deixou outras peças sacras como as Três horas de agonia, todos os ofícios da semana santa, 13 missas das quais seis a grande orquestra; 4^a, 5^a, 7^a, 8^a, 12^a e 13^a. Dessas a mais popular é a 1^a, a de São Pedro de Alcântara, dedicada ao imperador, e que se divulgou por todo o Brasil 49.

Sacramento Blake, biógrafo e dicionarista, foi quem compôs uma das melhores relações de obras de Elias Lobo, pelo que dele se tem valido a maior parte dos que escrevem sobre o Maestro:

"Fundou em 1863 a sociedade musical Filomela, fornecendo ele as peças precisas, que compunha, e em 1866 a sociedade Orfelina, também musical. Abriu em 1865 uma aula gratuita desta arte, e em 1875 convocou em São Paulo todos os professores dela a um congresso, onde se tratasse de elevar a classe e auxiliar as vocações esparsas para o estudo dos bons métodos, pedindo ao governo uma subvenção para uma aula superior de música e a isenção do sorteio militar para a classe. Foi em 1863 escolhido pelo diretório da ópera nacional para ir à Europa estudar os grandes teatros; mas sendo casado e não obtendo meios com que sua família pudesse subsistir em sua ausência, não aceitou a distinção, continuando em Campinas a lecionar piano e canto. Escreveu:

Métoda de Música. São Paulo 1876 in 4º. Segunda edição, São Paulo, 1882.

Missa nº 1 - escrita em 1855 e exibida pela primeira vez na grande festa celebrada em setembro do mesmo ano na cidade de Tietê.

Missa nº 2 - escrita em 1856 para a festa de Nossa Senhora do Carmo; executada a 20 de julho.

Missa nº 3 - em 1857 para a festa do Espírito Santo, executada a 31 de maio.

Missa nº 4 - em 1858 a pedido do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. que, ouvindo-a em ensaios, quis que fosse dedicada ao Imperador com o título de missa de São Pedro de Alcântara. Foi cantada este ano na cidade de Itu, e na capela imperial a 1 de dezembro.

Missa nº 5 - em 1864 por ocasião da solenidade feita pela Ordem 3^a. do Carmo na restauração de referida igreja.

Missa nº 6 - escrita em 1867 com dois credos.

37
Missã n^o 7 - em 1873 para a festa do Senhor Bom Jesus
a 1 de janeiro de 1874. Esta missã tem grandes so-
los, concertatos, etc.

Missã n^o 8 - em 1874 para a mesma festa em 1 de janei-
ro de 1875.

Missã n^{os} 9 e 10 - em 1876. São duas menores, Orat3ria
de Nossa Senhora do Carmo com coros de anjos, de
irmãos terceiros e de povo, com as personagens de
São Simão Stoke e de Santa Teresa, escrita e exe-
cutada em 1864 na solenidade da missã n^o 5.

Orat3ria do nascimento e circuncisão de Jesus Cristo -
escrita em 1874 e executada a 1 de janeiro de 1875,
com dois coros de anjos, de pastores e ~~de~~ campone-
ses com os personagens, o arcanjo São Gabriel, a
Virgem Sant3ssima e São Jos3.

As Tr3s Horas de Agonia - em 1867, executada na sexta-
-ta feira santa em Itu. 3 de grande execuão.

Semana Santa - em 1872, executada no mesmo ano. "O autor
nesta obra separou-se do estilo seguido pelos outros
mestres, procurando traduzir os textos em notas, co-
mo se escrevesse uma trag3dia l3rica."

Matinas do Sant3ssimo Sacramento.

Matinas do Esp3rito Santo.

Encomendaç3es de defuntos (duas).

Novenas de Nossa Senhora da Assunão.

Te Deum Laudamus.

Árias de pregador.

Motetos para o Senhor dos Passos

Padre Nesso (em portugu3s).

Salve Rainha (idem).

No g3nero l3rico comp3s:

A Noite de São João: com3dia l3rica em dois atos. Letra
de Jos3 de Alencar. Rio de Janeiro, 1860, 49 p3gi-
nas, in 8^o. Foi escrita para piano e canto no pe-
r3odo de 28 dias em 1858 para ser cantada em fam3-
lia; mas os aplausos que teve em São Paulo e os con-
selhos de v3rios amigos o decidiram a p3-la em or-
questra e traz3-la ao Rio de Janeiro, onde foi exe-
cutada pela companhia da 3pera nacional a 14 de de-
zembro de 1860, e mais cinco vezes seguidas, com
geral ap3auso, sendo regente da orquestra o c3le-
bre Carlos Gomes. Com a exib3o desta 3pera foi
reorganizada a companhia da 3pera nacional.

A Louca - libreto do Dr. A. Aquiles de Miranda Varejão,
em 4 atos. Escrita em 1861 para ser representada
pela dita companhia a 25 de março do ano seguinte,

por ocasião da inauguração da estátua eqüestre de Dom Pedro I, depois de ensaiada foi retirada por motivos pouco aceitáveis e, tendo entrado mais duas vezes em ensaios no mesmo ano foi ainda retirada. O autor contrariado por tais ocorrências, deixou a ópera nacional e recolheu-se à sua província. Deixando, porém, a partitura por lh'a pedirem sob promessa de que iria à cena, nunca se realizou isto, porque deram ao 4º ato da peça tal descaminho que nunca se houve dele notícia. Só houve da Louca uma exibição particular entre muitos sócios do club fluminense, por empenho do seu diretor e das redações dos principais órgãos da imprensa, unânimes em seus aplausos. De suas composições de menos fôlego vi publicadas:

Amor de mãe: romance para piano.

Já não vive Délia: idem.

Bem-te-vi: idem.

A despedida de São Paulo: idem.

Eu vi o anjo da morte: idem.

Nerina, magna estrela: idem.

Chá preto, Sinhá: modinha.

O carnaval de Itu: valsa.

Uma lembrança de amizade: idem.

Alegria do pobre: polka.

A noite de São João: quadrilha - É tirada de ópera deste título. Desta ópera e da Louca, tem Elias Lobo arranjado algumas peças para se cantar em salão como:

O meu amor: rondó final da Noite de São João.

Meu pensamento é todo amor: cavatina da ópera A Louca. Ambas estão publicadas." (54).

Dizia Machado de Assis em 1896: "Vivia de loteria a Ópera Nacional; antes vivesse de donativos diretos, mas enfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo". "Naquele tempo ainda Bach nem outros mestres influíam como hoje" (54). Por estes dizeres se avalia como foi mísera a atuação de José Amat em benefício da música brasileira.



Artur de Azevedo, em Notícia de 19/12 (talvez de 1901), relata sobre a representação de "A Noite de São João," o que foi transcrito por Augusto César de Miranda Azevedo, em necrológio:

"Dizem que a representação foi um triunfo para o maestro paulista, mas, para repeti-lo, não tenho outra fonte senão a tradição oral, porque a imprensa fluminense naquele tempo era de um laconismo implacável em se tratando de teatro, principalmente do nacional, porque o estrangeiro merecia, em todo caso, um pouco mais de atenção. Essa preferência ainda hoje se manifesta e é, digamo-lo de passagem, uma clamorosa injustiça."

"Se a Noite de São João triunfou (e eu acredito que triunfasse) Elias Lobo não deveu nada ao libretista imortal; portanto, era um talento que deveria ser aproveitado. Não o foi."

"Perderam-se muitos talentos como o de Elias Lobo e o de Henrique de Mesquita, que na mesma época fazia executar o seu Vagabundo." ~~52~~ 52.

Nos mesmos necrológios estendeu-se Miranda Azevedo:

"Elias Lobo reclamava sempre o cumprimento de uma promessa que lhe fizéramos, - a de propor, como nas antigas repúblicas, um prêmio ao chefe de família de numerosa prole... e boa. E o pobre amigo partiu sem ver cumprida essa justa recompensa. Não nos faleceu a vontade nem o ânimo, mas não dispusemos de poder para isso. Que os poderes públicos de São Paulo atendam à aspiração do ilustre paulista e promovam uma homenagem condigna do mérito de Elias Lobo e da civilização do Estado, e será isso levado em conta do muito que deixou de fazer em favor de sua glória, quando vivo, que seria agora a glória de todos nós, depois dele morto." (53).

Ao reconhecer-se o seu merecimento em Paris, em 1902, "A Cidade De Campinas" noticiara:

"No "Compte rendu" do Congresso Internacional de Música, reunido em Paris em 1900, vem entre os nomes dos membros daquela ilustre assembléia, o do nosso finado patrício e musico maestro Elias Álvares Lobo, com a declaração:- professor de música no grupo escolar Maria José, do governo de São Paulo, Brasil."

"O extinto professor ofereceu ao Congresso os seus trabalhos musicais e na última sessão, no número dos escolhidos para a respetiva comissão emitir parecer, figura a Arte de

40

Música em diálogo para uso das Escolas do Estado. Tendo sido tão grande a cópia de trabalhos submetidos à apreciação do Congresso, e vindo a Arte de Música do saudoso maestro, no número diminuto (13) dos escolhidos para serem estudados, é grande a honra para o extinto brasileiro e paulista, que viveu da arte em nossa terra" (52).

Tratando-se de obra intitulada "Arte de Música em diálogo para uso das Escolas do Estado", da qual não conhecemos exemplar, devemos admitir que seria trabalho mais profundo e extenso em comparação com o "Método de Música" publicado, em primeira edição em 1876 e, em segunda, em 1882.

Pelo 22º aniversário de falecimento do Maestro, "A Gazeta", lembrando a efeméride, noticiou:

"O nome desse ilustre cultor da boa música, deve soar aos ouvidos dos homens de hoje sob a emoção forte de uma grande saudade. É que a atual geração o conheceu como um professor carinhoso e bom, cujas aulas encantavam realmente, já pela riqueza dos ensinamentos, já pela cativante maneira por que eram realizadas. Em quase todas as escolas modelos e grupos escolares, a figura insinuante deste mestre apareceu durante muitos anos no ministério do ensino. E não ha quem houvesse sido seu discípulo que não guarde a lembrança agradável de sua bonomia, de seu afetuoso trato."

"O maestro Elias Lobo não era, porém, unicamente, um ótimo professor de música. Era um musicista de verdade cuja opinião se impunha nos centros de arte de São Paulo. A Paulicéa deve-lhe no preparo dos seus atuais artistas, um grande quinhão de esforço inteligente e proveitoso." (55).

Referência à "A Louca" fez Leopoldo do Amaral, tratando de corporação musical de Campinas, que "executou corretamente peças de séria responsabilidade como" o "final (concertante) do 3º ato da ópera - A Louca - com coros e orquestra, uma das festejadas produções do saudoso maestro Elias Lobo" (56).

A mesma "A Gazeta", em 1935, noticiava: "A diretoria da União dos Artistas, corporação musical existente em Itu, na sua reunião realizada a 23 do corrente mês findo, resolveu denominar a sua futura sede - Salão Maestro Elias Lobo - prestando, deste modo, uma justa homenagem à sua memória" (57).

A revista "Ariel", dedicada à música, teatro, arte, etc., em seu número 30 do terceiro ano, prestando homenagem ao Maestro, relatou que "Elias Lobo foi muito protegido por Dom Pedro II, que o tinha em alta consideração. Quando visitou Itu por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro, em 1875, Pedro II, apesar de saber, com certeza, que Elias Lobo era republicano, signatário da célebre Convenção de Itu, foi visitá-lo em sua casa" (58). Traz a revista um retrato de Elias Lobo, com a dedicatória: "Ao Lobinho, oferecemos, A Rangel"

Em 1934, depois de ser comemorado um centenário com festas brilhantes em Itu, a nove de agosto, o ~~grande~~ matutino "O Estado de São Paulo", publicava ~~em 27 de novembro~~ em rodapé, um estudo sobre "Música e Musicistas" no qual se encontra este trecho:

"Contemporâneo de Gurjão, mas nascido no Estado de São Paulo, em 1836 ⁵⁹, na cidade de Itu, foi Elias Álvares Lobo. Como assevera o Anuário da Província de São Paulo para 1873, foi um compositor fecundo e estimado professor de música vocal e instrumental. Compositor lírico, escreveu duas óperas, Noite de São João e A Louca, tendo sido ambas muito bem recebidas. A primeira foi representada em 1860, no Teatro São Pedro de Alcântara, por artistas da Ópera Nacional, corporação fundada por José Amat, e da qual faz carinhosa menção o cronista do tempo, Melo Morais Filho. Elias Lobo viveu também em São Paulo onde era muito estimado pelos alunos e bela sociedade da época." ⁶⁰

Em 23 de abril de 1935, nova referência fez o mesmo jornal ao Maestro, agora tendo por autor Antônio Augusto da Fonseca, artigo calcado no escrito de Sacramento Blake:

"Elias Álvares Lobo, filho de José Manuel Lobo e de Teresa Xavier Lobo, nasceu em Itu, Estado de São Paulo, em 9 de agosto de 1834, e morreu em São Paulo, a 15 de Dezembro de 1901. Órfão de pai, em tenra idade, protegido pelo padre Feijó, estudou num colégio, latim, francês, aritmética, geometria e música. Aos 15 anos, assevera Sacramento Blake, dedicou-se exclusivamente à música, começando por fantasiar na rabeça pequenas peças para salão e banda e após compondo trabalhos sacros, com os quais se tornou um dos mais notáveis compositores brasileiros. Em 1863, fundou a sociedade musical Filomela; e em 1866 a Orfelinia. Em 1875 convocou um congresso de professores de música e pediu subvenção e auxílio dos poderes públicos e isenção de sorteio militar para os da classe. Em 1863, foi escolhido pela Ópera Nacional para ir à Europa, distinção essa que declinou pelo fato de ser casado e não possuir outros recursos necessários à subsistência da família, que não os provenientes do magistério. Viveu algum tempo em Campinas e deixou a seguinte bagagem musical: 10 missas, 1 Método de música, editado em 1882; 2 Oratórios; As Três Horas de Agonia, executada em Itu na sexta feira santa de 1867; Semanana Santa (1872); 2 Matinas; 2 En-

42 x 43

comendações de defuntos; 1 Novena de Nossa Senhora da Assunção; 1 Te Deum; árias; metetes para o Senhor dos Passos; Padre Nosso, em português; ~~xxxxxxx~~ Salve Rainha, em português;

A Noite de São João, comédia lírica (?), com libreto de José de Alencar, regida por Carlos Gomes, no Rio de Janeiro; A Louca, ópera em 4 atos, libreto de Aquiles Varejão, escrita em 1861, que não foi levada à cena. Escreveu ainda as seguintes composições ligeiras: Amor de mãe, Já não vive Délia, Bentevi, A Despedida de São Paulo, Eu vi o anjo da morte e Nerina magna estrela; romances; e Chá Preto sinhá (modinha). São também de sua autoria as valsas Carnaval de Itu, Uma lembrança de amizade e a polca Alegria do pobre" (61).

Devemos a Afonso de Taunay, em discurso que fez em Itu sobre Elias Lobo, referências sobre o valor do Maestro:

"Já em 1850, com menos de 16 anos, podia apresentar boa cópia de composições, sobretudo sacras, sem contar peças para piano e banda.

Aos vinte e um concluía sua primeira grande missa, a de São Pedro de Alcântara dedicada a Dom Pedro II. Pouco depois compunha A Noite de São João que se representou sob grandes aplausos no Rio de Janeiro, ópera musicada sobre um libreto do mais prestigioso libretista, José de Alencar.

Voltou-se para o gênero, aliás, de sua grande preferência, a música sacra. Assim, de 1856 a 1876 escreveu dez grandes missas executadas em muitas das maiores cidades e até hoje cantadas.

Não sabemos em que data escreveu oratórios entre os quais se destacam o de Nossa Senhora do Carmo e o do Natal, que gozam de grande reputação.

Entre suas obras mais aplaudidas, citemos a música completa para as cerimônias da Semana Santa, cuja originalidade é muito louvada. As três horas de Agonia, Matinas do Santíssimo Sacramento, Matinas do Espírito Santo, Novena de Nossa Senhora da Assunção, Matinas para o Senhor dos Passos, Encomendação de finados. Isto sem contar muitas outras peças como Te Deum, Tantum ergo, diversas Ave-Marias, Ó Salutaris, etc.

Deixando a terra natal passou a residir em diversas cidades do interior paulista, como Itatiba e Campinas, sempre cercado de geral estima e muito procurado pelos amigos da boa música".

"De Elias Lobo permanece o vultoso arquivo inédito" doado ao Salão "Elias Lobo" de Itu, pelo seu filho Deputado Antônio Álvares Lobo, pelo seu neto, ~~xxxxx~~ o médico Azael Alvares Lobo e demais descendentes, em volumes de grande porte,

Ao tratar de "A Louca", surge logo a Academia de Ópera Nacional, instituição que iniciou suas atividades a 17 de julho de 1858, com a presença do Imperador e da Imperatriz. E conta Escrag-nole Dória que a "figura principal da Academia de Música foi sempre patrícia nossa, Carlota Milliet, em solteira Leal, por segundas núpcias viúva Kunhardt. Nascera em 1834, contava pouco mais de trinta anos quando alma e primeira voz da Ópera Nacional, tendo cantado no Teatro Provisório junto a La Grange". E diz, referindo-se a Elias Lobo: "Reputado compositor sacro na província natal, foi autor de ópera representada, A Noite de São João, libreto de José de Alencar. Escreveu ópera que ficou inédita, a Louca, libreto de Aquiles Varejão; na obra o principal papel destinado a Carlota Milliet" (63).

Kurt Pahlen em sua "História Universal da Música" (a 1ª edição é de 1944) estampa o retrato de Elias Lobo (pag. 336 - prancha 81 da 2ª edição) e nesta se refere à "primeira vez a apresentação de uma ópera brasileira, "A Noite de São João", de Elias Álvares Lobo, sobre assunto brasileiro e com violão na Orquestra" (pag. 322) "mostrando que qualquer histórico da ópera, ao tratar da vida operística brasileira, para a verdade histórica não pode deixar de iniciar com o seu pioneiro, o Maestro Elias Lobo".

"E temos a considerar que Elias Lobo, com modestos professores de música em sua terra natal, teve formação musical com a grande coadjuvação de sua própria vontade, no que Carlos Gomes foi melhor aquinhado, pois nasceu filho de professor de música que o fez músico desde menino". "Manuel José Gomes a todos os filhos ensinava música" (Carlos William Stevenson, na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, LVI 10)

"Ainda temos de levar em conta que Elias Lobo compôs suas óperas, encenando a primeira sem ter feito antes um curso musical em conservatório, enquanto Carlos Gomes, em 1859, "matriculou-se no Rio de Janeiro, nas aulas de contra-ponto, sendo professor Joaquim Gianini (Rev. do Centro de Ciências, fls. 47) depois do que em 1861, compôs sua primeira ópera, "Noite do Castelo", ~~lançada~~ levada à cena a 4 e 7 de setembro do mesmo ano."

De Carlos Gomes disse que em 1846, a 28 de março, com 10 anos de idade, parte para São Paulo onde "completa seus estudos das primeiras letras e música", Cataldo Bove em "Correio Popular de 11/2/1971.

Passemos, agora, a reproduzir palavras de Francisco Nárdi Filho, sobre o Maestro:

"Na vida deste distinto ituano ~~não sabemos~~ não sabemos o que mais admirar: se o seu gênio fulgurante de verdadeiro artista, se a sua fé, robusta e sincera, de verdadeiro cren-te, se o cidadão probo, honrado e trabalhador, se o chefe de família exemplar."

"Muito acertadamente dele escreveu o ilustre e saudoso Dr. Paulo Egídio: "Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Nascido no seio da pobreza e de uma honesta obscuridade, seu notável talento artístico se revelou desde os mais verdes anos; e, apesar dos invencíveis obstáculos que lhe opunham sempre suas circunstân-

45
cias, sua vocação desabrochou-se bela e esplêndida, e o nome de Elias Lobo pôde atingir, entre os seus patrícios, a altura de um símbolo: o símbolo da arte que se engrandece e se dignifica, que não degenera em um cálculo de interesse e vaidade, mas se eleva à grandeza de um culto nobre e puro".

"Em 1875, juntamente com seu cunhado Tristão Mariano, outro distinto artista ituano, convocou em São Paulo um Congresso dos Professores de Música a fim de se elevar a classe e auxiliar vocações esparsas. Em 1879 escreveu uma Arte da Música, trabalho esse que foi, e ainda é, muito apreciado por todos quantos se dedicam ao estudo da divina arte da melodia. Dele diz um outro seu biógrafo: "Músico distintíssimo, Elias Lobo escreveu obras musicais que lhe dão lugar condigno entre os compositores brasileiros".

"Artista pelo seu gênio fulgurante, pelas obras primas que compôs, tanto no gênero sacro como profano, é Elias Lobo, incontestavelmente, uma das mais lídimas glórias da nossa pátria".

"Católico foi fervoroso e sincero; como bem disse um dos seus biógrafos - a sua fé era uma bandeira sempre desfraldada. Quer em seus momentos de angústias, quer em suas horas de alegria, era sempre para o alto que voltava os olhos, fosse para render graças, fosse para implorar conforto; em Deus repousava toda sua esperança, de Deus vinham todas as suas alegrias; e os mais primorosos lampejos de seu gênio artístico dedicou-os ao esplendor do culto divino, compondo verdadeiros primores para os diversos atos de culto. Não sabia o que era o respeito humano, praticava a religião sem rebuços, jamais procurando ocultar o seu fervor, a sua fé pura e sincera. Seu lar era um verdadeiro santuário, e aí seus filhos se educaram na mais sã moral, bebida nos preceitos da religião".

"Cidadão probo, honrado e trabalhador, era estimado e acatado por todos; pobre mas altivo na sua pobreza, procurava no trabalho o necessário para manter os seus, jamais se tornando pesado ou impertuno aos ricos; nada pedia, nada solicitava; vivia da arte e para a arte e daí o pouco para si e para os seus; se nada pedia, do pouco que ganhava sempre ~~sempre~~ achava um tanto para socorrer o necessitado. Pobre, nada pedia e tudo quanto podia dava à pobreza." (64)

Dos noticiaristas que encontramos tratando de Elias Lobo, o único a fazer crítica dissonante foi Luís Heitor em seu "Cento e Cinquenta Anos de Música no Brasil":

Em março de 1857 fundava-se a "Ópera Nacional" com gerência do espanhol José Amat. "Em sua nova fase ia a Ópera Nacional apresentar as primeiras produções de autores brasileiros. "A Noite de São João" de Elias Álvares Lobo, sobre um libreto de José de Alencar, abre a série, indo à cena a 14 de dezembro de 1860, no Teatro São Pedro de Alcântara. Era Elias Lobo jo-

vem músico da província de São Paulo, onde nasceu na cidade de Itu, a 9 de agosto de 1834. Sua ópera foi recebida com reservas pela crítica, assinalando-se as insuficiências técnicas do compositor neófito, que somente em sua terra natal havia haurido os conhecimentos musicais que punha à prova. Uma segunda ópera que escreveu, A Louca, não chegou a ser montada pela empresa Amat; segundo Renato Almeida, entretanto, foi cantada uma vez no Clube Fluminense. Regressando à sua província, Elias Lobo passou o resto de sua longa existência compondo e dirigindo música religiosa, sem mais voltar para as glórias falases da cena".

Erro grave de Luís Heitor se encontra na afirmativa que fez a Elias Lobo: "pela excessiva avidez pecuniária do compositor, deixou de subir à cena uma outra ópera denominada "A Louca"; menos grave foi seu engano dando a Elias Lobo uma "longa existência" - quando este maestro faleceu com sessenta e seis anos de idade! Mais tarde, vinte anos depois, falando de Carlos Gomes, disse Luís Heitor: "Festivais que poderão girar em torno de sua figura genial, mas acolher, também, outras obras de contemporâneos seus, alguns deles paulistas, como Elias Álvares Lobo, de Itu".

Em "São Paulo em Quatro Séculos", Carlos Penteado de Resende nos faculta dados sobre o mesmo brilhante maestro compositor: "Forma-se na Academia de Direito o estudante cearense José Martiniano de Alencar, que foi, pouco tempo depois, quem escreveu o libreto da primeira ópera nacional cantada, A Noite de São João, do ituano Elias Lobo" (65). "Em meado de julho, Elias Álvares Lobo dirige-se à Corte com o fito de lá fazer representar sua ópera Noite de São João. Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num salão em casa do sr. Gomide, na rua da Freira" (66). "Em meados de novembro, em Itu, nas festas para a bênção da igreja do Carmo, executam-se oratório e missa de Elias Lobo" (67).

Com o nosso propósito de compor as biografias transcrevendo estudos alheios, para maior segurança no registro de conceitos elogiosos, podemos continuar nas citações, e vamos ao mesmo autor, o brilhante historiador Carlos Penteado de Resende:

"Elias Lobo, jovem e ambicioso músico natural de Itu, gastava as suas energias em pequenas atividades provincianas quando, em certo dia, em fins de 1858, vindo a São Paulo, se encontrou com Clemente Falcão de Sousa Filho, moço da mesma idade que ele (nasceram os dois em 1834), mas já doutor em leis, e também amante da música. Durante a prosa o Dr. Falcão Filho falou-lhe num escrito do Conselheiro José de Alencar, intitulado Noite de São João, que o Diário do Rio de Janeiro publicara. Elias Lobo leu-o, entusiasmou-se e em pouco menos de um mês escreveu uma ópera (partes para piano e canto), que pretendia encenar em família." "A instâncias de amigos seus, que o aconselhavam a orquestrá-la,

Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à Corte, mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira, Macedo Soares, Bitencourt Sampaio, Azarias e outros, plêiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da Academia de São Paulo". ("No dia 15 de julho de 1859, conforme notícia no Correio Paulistano, passou Elias Lobo por São Paulo, aqui ficando talvez o tempo suficiente para dar uma pequena exibição de sua ópera. Nessa mesma data, em casa do sr. Gomide, que residia à rua da Freira (Senador Feijó), tocou-a para um pequeno auditório de acadêmicos e melômanos". "A 19, em folhetim assinado por M (talvez Macedo Soares ou Pinto Moreira), publicava o Correio Paulistano uma apreciação sobre a Noite de São João, com referências ao problema do nacionalismo musical: "Não está ainda instrumentada a ópera, mas todo o acompanhamento acha-se esboçado para piano (...). Abre a peça pelo Coro dos Caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigado de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, a verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo". "Assim, muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração ao seu talento, a primeira que recebeu" (67).

Adiante, continua o mesmo escritor:

"1859 foi um ano de músicos jovens. Com efeito, os que se exibiram na Capital estavam todos na flor da idade e chamavam-se J. Caldeira, pianista com 18 anos, Carlos Schram, pianista alemão, Elias Lobo, compositor com 25 anos, Sant' Ana Gomes, violinista com 25 anos, e Antônio Carlos Gomes, compositor com 23 anos de idade" (68).

A mesma obra, fazendo repetidas referências ao Maestro Elias Álvares Lobo, com elogios próprios ou repetindo-os de vários críticos, inscreve nota histórica sobre a segunda ópera do maestro: "Antônio Aquiles de Miranda Varejão, 1852-1856, natural do Rio de Janeiro, filho do Comendador Antônio Álvares de Miranda Varejão, escreveu, depois de formado, um libreto, que o maestro Elias Lobo aproveitou para compor a sua segunda ópera, A Louca, em quatro atos, estreada com êxito no Clube Fluminense da Corte. A ópera, embora cheia de qualidades ficou nessa primeira representação, por lhe terem sido furtados trechos importantes" (69).

Em São Paulo em Quatro Séculos ~~(601-1911)~~ Carlos Pentead de Resende "nos faculto dados sobre o mesmo brilhante maestro ~~em~~ compositor: "Forma-se na Academia de Direito o estudante cearense José Martiniano de Alencar, que fbi, pouco tempo depois, quem escreveu o libreto da primeira ópera nacional cantada. "A Noite de São João" do ituano Elias Álvares Lobo (70): "Aos 9 de agosto, em Itu nasce Elias Álvares Lobo, maestro compositor. Tendo perdido o pai quando menino, foi educado algum tempo pelo Padre Feijó (não teve nenhum contacto com o Padre Feijó, mas a firmativa é erro de todos os seus biógrafos). Po bre, desamparado, completou sosinho a sua instrução musical. ~~Participou~~ Principiou compondo músicas ligeiras. Em 1858 apresentou a missa solemne São Pedro de Alcântara dedicada a d. Pedro II, talvez sua melhor peça sacra. Em 1860, na Côrte, a Opera Nacional fez representar "Noite de São João", a primeira ópera brasileira cantada, libreto de José de Alencar, música de Elias Lobo, tendo nessa noite regido a orquestra o jovem campineiro Carlos Gomes. A seguir, compôs Elias Lobo "A Louca". Ópera em quatro atos, representados parcialmente, com êxito no Clube Fluminense da Corte. Rivalidades e embaraços à sua atuação, à carreira brilhante que prometia desenvolver, obrigaram-no a voltar à província natal, onde prosseguiu na sua ingloria de professor de musicistas. Como artista, poderia ter sido maior, ter dado mais de si, se tivesse recebido auxilio e estímulo como recebeu Carlos Gomes. Ao falecer, em dezembro de 1901, uma legenda de respeito e simpatia cercava seu nome de compositor. Legou aos pósteros numerosas e inspiradas peças, de variados gêneros".

Na verdade, Carlos Gbmes nasceu na música, já desde menino a conhecia como filho e aluno de pai músico de nome da.

ORIGEM MASCULINA: OS LANNOY PRINCIPESCOS

Os Lannoy vieram para o Brasil na pessoa de Pedro Lelon de Lannoy, "fidalgo flamengo e Cavalliro Professo da Ordem de Cristo", como já dissemos, e que no Brasil se casou com Joana Lobo de Albertim, também ~~elevada~~ de elevada nobreza paterna.

E não ha nenhuma incongruencia em citarmos ~~x~~ aqui como fidalgos, os lannoy que emigraram para o Brasil com tal distincção, pois nestas qualidades tornaram-se brasileiros. Silva Leme também citou fidalguias em alguns dos nossos antepassados indo até Carlos Magno, mas esta fidaçua de tão longinqua já não tinha mais significado.

O mesmo não acontece com os Lannoy e os Lobos que no Brasil se fixaram como fidalgos encarregados da administração e, por-

tanto mantidos na distinção fidalga.

Em nosso Império, conservada a fidalguia pelo nosso Imperador Pedro I, ela foi extinta pelo segundo Imperador D. Pedro II que no segundo Império adotou a linguagem plebeia dizendo que o agraciado passava a se chamar Barão de Tal e não como se fazia em monarquia de outros países em que o agraciado conservava os nomes de família e assumia um título nobiliárquico.

Os Lannoy se iniciaram com Hugo, primeiro senhor de Lannoy, pelos anos de 1.300, conforme se encontra em "Dictionnaires da La noblesse par La chenaya-Debois et Bardier - tomo XL - pag 459. "Dictionnaire Historique et Heraldique de La Noblesse 1^o pag. 1684. "Armorial Général" par J. B- Tietstap" pag 23. Planches de L'Armorial General de Rietstap, 21 tome IV, cuja descendência se divide em cinco ramos:

1^o ramo: Senhores de Maingoval

2^o ramo: Príncipes de de Sulmona

3^o ramo: Senhores de Rolaincourt

4^o ramo: Senhores de Molembais

5^o ramo: Senhores de ~~Mxxxxxxxix~~ Orgemont (12.)

Em trabalho genealógicos especializados que procuramos, colhemos referências como "Alberto de Aquaviva e Aragão, décimo Duque de de Atri, irmão do Cardial Arcebispo de Nápoles, Otávio de Aquaviva que se casou com Brites de Lannoy, filha de Horácio de Lannoy, Principe de Sulmona".

Mas Pedro Lelon de Lannoy, genro do Governador do Rio de Janeiro e Sul do Brasil, tornou-se Capitão Geral da Capitania do Ceará e nessa qualidade se desentendeu com os Jesuitas locais. Tratava-se de cabeças de gado que surgiram na capital da Capitania sem que ~~o~~ se ~~xxxxx~~ soubesse de sua origem e a quem pertenciam.

O Governador da Capitania entendeu que seu proprietário seria Coroa Portuguesa, enquanto os Jesuitas entendiam, por motivo que não se esclarece, que deveriam ser de sua comunidade. O assunto coube ser resolvido subindo até Sua Magestade o Rei de Portugal que decidiu pela posse dos Jesuitas, o que resultou a demissão do Governador.

E Pedro de Lannoy se afastou de atividades administrativas para sua vida particular e, apesar de ter sido padrinho de batismo do seu primeiro neto, sofreu recuo de seus próprios descendentes, tendo alguns do primeiro grau, optado pelo nome de Lobo, deixando o uso do Lannoy. Só a segunda geração tornou a voltar para o Lannoy, adulterando para Lanoia.

Na obra de Alexandre Dumas, "Louis XIV", página 25, edição de 1857, uma estampa com o título "La reine était au lit, et madame de La Lannoy ouvrait déjà la bouche pour dire que la reine n'était pas visible; mais la ~~reine~~ reine caignant sans doute quelque acat de la part du duc, donara l'ordre de faire entrer."

Desta família era Pedro de Lannoy, natural de Antuerpia, cujo Brasão de armas deve ser: